

INTERDISCIPLINARIDADE NA PRÁTICA PEDAGÓGICA: ATUAIS TENDÊNCIAS ESTIMULANDO NOVOS DESAFIOS

Karla Lécia Barros Nunes; Valdice Barbosa da Silva; Vitória Carolina Santos Silva; Ivanilda dos Santos Oliveira.

Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: karlalbn@hotmail.com. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: valdicebarbosads@gmail.com. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: vitorya610@gmail.com. Universidade Estadual de Alagoas – UNEAL. E-mail: ivanilda_carlos@hotmail.com.

RESUMO

Falar de educação como apropriação da cultura historicamente construída nas relações sociais é compreendê-la como parte inerente a ser trabalhada neste processo e nos direciona a uma compreensão mais coerente da realidade, na qual a organização pedagógica é influenciada. Para evitar que o ensino torne-se uma simples passagem de conhecimento de um locutor para um receptor, evidenciando neste processo apenas o conteúdo, dissociado tanto da forma quanto do método, o ensino necessita incorporar uma interação harmoniosa entre os sujeitos da ação educativa na pessoa do (a) professor (a) e do (a) aluno (a), juntamente com o conteúdo. Neste sentido, a didática é um componente fundamental em qualquer prática educativa, pois é a responsável por adaptar os meios necessários a cada prática orientada pelo (a) professor (a) e a interdisciplinaridade é uma especificidade desse conjunto de ações. Dessa forma, o projeto político pedagógico deve estar carregado de intencionalidade genuína da consciência de seus agentes configurando uma conquista na afirmação de cada realidade educacional. Assim sendo, o objetivo desse trabalho foi trazer uma discussão sobre a interdisciplinaridade como mecanismo estimulador na aprendizagem dos alunos em sala de aula. A metodologia utilizada foi uma pesquisa bibliográfica de cunho qualitativo e para exemplificar, foi utilizada uma prática pedagógica oriunda de um relato de experiência de estágio. Como consequência, destacam-se as práticas educativas democráticas no ambiente escolar proporcionando uma conquista na busca do melhor controle do processo educativo para um resultado com mais qualidade.

Palavras-chave: Ensino, Interdisciplinaridade, Prática Educativa.

Introdução

Para adentrar em uma discussão que trate do contexto escolar, se faz necessário mergulhar nas concepções de educação, visto que tais conceitos nos direcionam a uma compreensão mais coerente da realidade analisada e que, inerentemente, influenciam a organização pedagógica. Paro (2016) salienta que em uma linguagem de senso comum, a educação estar relacionada ao ensino atribuído à escola, mas também para diferenciar-se no que diz respeito a formação moral e dos bons costumes, cuja responsabilidade se dar através da família. Desta forma, foge do cerne da questão o fato de não ter uma definição mais apurada, acarretando uma forma igualmente não científica, cuja consequências desastrosas incidem em toda estrutura organizacional no que tange a escola.

Quando não há um cuidado com esses termos, torna-se o ensino uma simples passagem de conhecimento de um locutor (professor (a)) para

um receptor (aluno (a)), evidenciando neste processo apenas o conteúdo a ser transmitido, dissociado tanto da forma, quanto do método de ensino. Dessa forma, nega a subjetividade do professor e do aluno e concentrar-se as forças no conteúdo, na técnica e em práticas hegemônicas e conservadoras de ensino e aprendizagem. Neste sentido as práticas e a didática praticada nas instituições de ensino se configura como tradicional, hierárquica, acrítica proliferando em todas as modalidades sejam da Educação Infantil até o Ensino Superior.

Assim sendo, o objetivo desse trabalho foi trazer uma discussão sobre a interdisciplinaridade como mecanismo estimulador na aprendizagem dos alunos em sala de aula. Para isso, foi utilizado pesquisa bibliográfica em uma abordagem de cunho qualitativo e para exemplificar uma prática pedagógica oriunda de um relato de experiência de estágio formando um conjunto de reflexões indissociáveis.

Algumas discussões teóricas que perpassam pelo processo educativo

No processo educativo é preciso retomar à discussão sobre a base e começar de forma mais ampla, porém rigorosa, a tratar à educação como apropriação da cultura historicamente construída nas relações sociais, compreendendo a cultura como parte inerente a ser trabalhada neste processo. E sobre a concepção de cultura, Paro (2016, p. 23-24) diz que,

[...] envolve conhecimento, informações, valores, crenças, ciência, arte, tecnologia, filosofia, direito, costumes, tudo enfim que o homem produz em sua transcendência da natureza. À natureza (tudo aquilo que existe independente da vontade e da ação dos homens) contrapõe-se a cultura (tudo que o homem produz ao fazer história) (grifos do autor).

Pensar a educação para além da linguagem simples retira-a da perspectiva apenas de ingressar em seleções acadêmicas (Enem) ou capacitar o aluno ou aluna para o mercado de trabalho, colocando assim, a educação em patamares que possibilita a formação integral do indivíduo, uma vez que o mesmo só se torna um sujeito ativo e empoderado de conhecimentos políticos e sociais quando apropria-se da cultura historicamente produzida. Assim, a educação no sentido aprofundado, entende o homem e a mulher, como sujeitos na sua inteireza, portanto o conteúdo como produção histórica do homem e da mulher não se limita somente a conhecimentos e informações, modo de educação tradicional.

Segundo Fazenda (2008, p. 8):

A percepção da importância do passado como gestor de novas épocas nos faz exercer paradoxalmente o imperativo de novas ordens, impelindo-nos à metamorfose de um saber mais livre, mais nosso, mais próprio e mais feliz, potencialmente propulsor de novos rumos e fatos.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

Ao investigarmos historicamente o processo educativo podemos articulá-lo com o vivido na atual conjuntura, e assim, tomar novos rumos, pois sem passado não temos como traçar um futuro no presente. A educação é constituição para vida, por isso precisa ser renovador, inovador e transformador tudo o que dela vim, se assim os saberes forem compelidos. No bojo dessa discussão, implica ainda dizer que o homem e a mulher historicamente são seres sociais e como tais, devemos colocá-los também como seres políticos, dessa maneira tudo que é produzido em sociedade segue uma de duas vertentes: a primeira diz respeito a dominação que refere-se a imposição coercitiva de uma parte (grupo ou pessoa) anulando a subjetividade da outra; a segunda pelo diálogo que consiste na troca de ideias e de vontades se afinando em negociações, na qual são utilizadas as subjetividades de ambas as partes.

Dito isto, prosseguimos ao próximo passo que é desvendar os elementos que envolvem o processo de ensino e aprendizagem, são eles: professor (a), aluno (a) e conteúdo, bem como suas relações com a didática, currículo e as políticas educacionais. Assim sendo, os Parâmetros Curriculares Nacionais entram de forma clara e concisa no que diz respeito ao que e como se ensina e aprende no âmbito das instituições escolares, vejamos:

Ensinar e aprender atitudes requer um posicionamento claro e consciente sobre o que e como se ensina na escola. Esse posicionamento só pode ocorrer a partir do estabelecimento das intenções do projeto educativo da escola, para que se possam adequar e selecionar conteúdos básicos, necessários e recorrentes (BRASIL, 1997, p. 53).

Entender a educação como cultura é considerar os conteúdos desta educação, e a convivência democrática é um dos elementos dessa cultura, embora os conteúdos sejam importantes na contemporaneidade, em uma abordagem democrática, assumem nova roupagem que se estendem tanto para o (a) professor (a) quanto para o aluno (a).

Neste sentido, o papel do (a) professor (a) em uma pedagogia tradicional assumia o de detentor (a) de saberes atuando apenas como transmissor (a) desses conhecimentos, na configuração atual assume o papel de mediador (a) do ensino. Dessa forma, ao interagir com seu alunado devem ser consideradas algumas implicações: os saberes - consiste na apropriação da cultura produzida (conhecimentos e valores); conhecimentos prévios dos (as) alunos (as) - refere-se aos saberes que os mesmos já possuem, seu potencial, capacidade, interesse e forma de pensar; recursos didáticos – são as estratégias utilizadas se adequando a cada ação reflexiva e planejamento – um recurso que possibilita a partir de um diagnóstico traçar meios para

efetivar um dado objetivo. Sobre esse prisma Alarcão (2008, p. 22-23) afirma que:

Sujeito que observa, pensa, fala e age, o professor encontra a cada passo situações imprevisíveis, só ultrapassáveis pelo recurso ao potencial de seu ser e de seu saber, na correta interação entre a situação e o pensamento, entre o pensamento e a ação. É na criatividade e na originalidade de suas decisões que se manifestam sua competência pedagógico-comunicativa, seu saber-fazer pedagógico e suas atitudes educativas.

Ora se o fundamental no processo educativo é atingir a formação integral do ser humano, é verdade também que todos os métodos e procedimentos devem estar coerente com esse sujeito histórico, social e político. Então, os métodos de ensino necessitam incorporar uma interação harmoniosa entre os sujeitos da ação educativa, constituindo além dos saberes, os valores necessários. Pinto (2011), baseado em escritos de Sacristan sobre ação e prática pedagógica, salienta que há um entendimento de que o papel do educador na sociedade não é nem somente conservadora e nem somente transformadora, mas que existe uma abordagem dialética em suas produções.

Todavia, no desenvolvimento da função de professor (a) somente será possível exercer sua autonomia, ainda que relativa, se estiver atrelado a realidade de seu contexto em suas condições concretas, não somente para atuar nas interpretações e análises, mas com possibilidades de tomar novas direções. Entretanto, o mesmo autor ainda se valendo das argumentações de Sacristán, afirma que em vez de inserir correntes filosóficas em Educação que orientam práticas educativas admite que seria melhor partir para enfoques interdisciplinares com propostas integradoras e adaptáveis a diferentes perspectivas metodológicas.

Partilhando da mesma lógica, Severino (2008, p.39) afirma que:

A superação da fragmentação da prática da escola só se tornará possível se ela se tornar o lugar de um *projeto educacional* (grifos do autor) entendido como o conjunto articulado de propostas e planos de ação com finalidades baseadas em valores previamente explicitados e assumidos, ou seja, de propostas e planos fundados numa intencionalidade. Por intencionalidade está se entendendo a força norteadora da organização e do funcionamento da escola provinda dos objetivos preestabelecidos.

Neste sentido, a didática é um componente fundamental em qualquer prática educativa, pois é a responsável por adaptar os meios necessários a cada prática orientada do (a) professor (a) que faz chegar o conteúdo ao alunado. E a interdisciplinaridade é uma especificidade desse conjunto de ações educativas. Sobre isso Fazenda (2008, p. 13) nos coloca o seguinte “Exercitar uma forma interdisciplinar de teorizar e praticar educação demanda, antes de mais nada, o exercício de uma atitude ambígua”. Essa ambiguidade nos direcionam a duas formas tanto entre o

conhecimento e a prática social como entre as disciplinas do currículo. Porém, de modo algum estão dissociados, pelo contrário, as reflexões postas aqui são justamente para romper com essa fragmentação do pensamento traduzidos no contexto escolar.

Em relação a primeira forma, Severino (2008, p. 33) nos diz que,

E a questão básica, a meu ver, é a da relação do conhecimento com a prática humana. Daí a importância do vínculo do conhecimento pedagógico com a prática educacional. Seu caráter interdisciplinar tem a ver com essa condição. Ora, a função do conhecimento é substantivamente intencionalizar a prática; ele é a única ferramenta de que dispomos para tanto.

Vale ressaltar também, alguns pressupostos envolvendo a abordagem interdisciplinaridade em relação às disciplinas do currículo, cujo trabalho pedagógico é estruturado de maneira intencional e orientada para responder uma situação-problema que solicita a comunicação entre as disciplinas, compartilhadas por conteúdos e procedimentos que capacitam os (as) alunos (as) a enfrentar questões contextualizadas, por exemplo:

- A Língua Portuguesa é uma disciplina que pela sua natureza articula-se com as demais áreas de conhecimento, pois contém em si mesma a construção dos sujeitos mediados através das linguagens e permeia os significados das letras possibilitando acesso a materiais diversificados para leitura, interpretação e escrita;
- O ensino da Matemática, como processo de comunicação, representa a observação do mundo real. Dessa forma, pode-se fazer interdisciplinaridade com outras áreas do conhecimento a medida em que seus conceitos possam ser explicados matematicamente;
- Em ciências, o estudo tem como objetivo compreender a transformação da natureza através dos fenômenos naturais, pelo próprio homem/mulher e reconhecendo de forma consciente a relação homem-natureza. Neste sentido, tudo que envolve transformação pode ser utilizado como base para interdisciplinar com outras áreas, articulando os saberes produzidos à vida social;
- No que se refere ao estudo de História permite-nos a possibilidade de compreender a contextualização do ser social situado no tempo e no espaço, trazendo uma didática-pedagógica repleta de dinamismo e diálogo para trabalhar com as demais disciplinas;
- E na Geografia, por ser constituído de elementos que necessitam de outras disciplinas para serem interpretados,

seus fenômenos sociais e naturais que se relacionam no espaço geográfico, configura uma ótima opção de interdisciplinaridade objetivando uma análise mais completa das temáticas trabalhadas;

- No ensino de Arte, a criatividade que vai além de criações artísticas com potencial de dar sentido a compreensão de mundo, novas interpretações e uma vasta leitura das relações sociais, possibilitando até soluções de problemas do cotidiano de forma autônoma que parte do individual a uma ação que envolve interação coletiva e está presente no contexto escolar em qualquer atividade educativa, portanto, já supõe uma natureza interdisciplinar.

Entender o currículo como uma construção social, organizada, institucionalista e que implementa conhecimentos e atividades, eleitos como formativos, é também compreendê-lo como um campo complexo necessitando ser dialogado não somente entre a comunidade acadêmica, mas, sobretudo, nos contextos escolares na qual são efetivadas as práticas educacionais. De acordo com Sacristán (2000, p. 17):

Os currículos são a expressão do equilíbrio de interesses e forças que gravitam sobre o sistema educativo num dado momento, enquanto que através deles se realizam os fins da educação no ensino escolarizado.

Como vimos até agora, todas essas reflexões nos direcionam ao um fazer pedagógico atrelado ao projeto educacional capaz de envolver a comunidade escolar em prol de objetivos que contemplem seus anseios para que possam contribuir a uma educação de qualidade. Ao mesmo tempo retoma as discussões sobre uma convivência democrática, visto que tudo tem uma inter-relação na dinâmica da sociedade.

Libâneo (2002) afirma que o democratismo pretende caracterizar uma proposta de organização das atividades de uma instituição, ou movimento, pela qual se garante uma ampla participação das pessoas envolvidas, com base no princípio da democracia interna. Assim, as escolas passaram a ter legitimidade para exercer a democratização da gestão enquanto possibilidade de melhoria do processo educacional. Então, a gestão democrática na escola pode ser entendida como espaço de deliberação coletiva, que visa garantir processos coletivos de participação e decisão.

Dessa forma, a Gestão Democrática foi uma conquista da luta de educadores (a) e movimentos sociais em busca de uma educação pública de qualidade e é concebida como uma política educacional constituída para descentralizar o poder, isto é, colocar as decisões do contexto escolar nas mãos dos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem.

Essa política pública educacional nos é apresentada por diversos caminhos de efetivar a democracia, e como um desses mecanismos é o “Projeto Político Pedagógico” concebido como uma forma de organização do trabalho pedagógico que visa buscar a melhoria da qualidade de todo processo vivido na instituição escolar. É compreendido também como um documento construído coletivamente contendo a participação dos segmentos: pais, alunos, professores, demais funcionários e comunidade externa, tendo como enfoque nortear o funcionamento da escola traduzido com seus objetivos, metas e estratégias a serem alcançadas.

Para acrescentar o sentido de trabalhar em uma perspectiva democrática e interdisciplinar no cotidiano escolar trazemos Severino (2008, p. 40) ao explicitar que:

[...] a prática da interdisciplinaridade, em qualquer nível, mesmo no plano da integração curricular, depende radicalmente da presença efetiva de um projeto educacional centrado numa intencionalidade definida com base nos objetivos a serem alcançados pelos sujeitos educandos.

Contudo, a participação da comunidade escolar ainda se configura uma utopia nas escolas públicas, pois, Paro (2016) argumenta que no sentido que utopia seja algo que não exista ainda, mas que poderá vir a existir se a comunidade escolar se apoderar dela transformando a passividade de hoje em revolucionários de amanhã e se envolvendo em todas as decisões do contexto escolar.

Outro aspecto dessa discussão que merece ser levado em conta é que, segundo Romão; Padilha (2012, p.107),

[...] não podemos pensar que a gestão democrática da escola possa resolver todos os problemas de um estabelecimento de ensino ou da educação, mas a sua implementação é, hoje, uma exigência da própria sociedade, que enxerga como um dos possíveis caminhos para democratização do poder na escola e na própria sociedade.

A gestão democrática da escola é uma exigência de seu projeto educacional e vice e versa, que por sua vez não se limitam apenas em princípios e conceitos postos em formato de documentos, tem que estar presente no cotidiano da escola, nos conselhos escolares, nos conteúdos, nos livros didáticos, no planejamento do ensino, nas atividades educativas. Vejamos um relato de experiência de estágio que configurou uma prática pedagógica interdisciplinar e que fora precedido pela caracterização e diagnóstico de seus envolvidos.

Relato de uma prática pedagógica interdisciplinar

A turma analisada foi do quinto ano do ensino fundamental composta por trinta e dois alunos, destes trinta frequenta regularmente com idade entre dez e doze anos. A distorção idade/série mostrou que 56,26% estar em idade certa e o restante dividiu-se igualmente entre um ano ou dois ou mais (≥ 2) de distorção com um percentual de 21,87%.

O diagnóstico dos alunos é imprescindível e tem como objetivo oferecer subsídios na identificação dos níveis de desenvolvimento para traçar um plano de aula que contemple as dificuldades evidenciadas.

A sondagem foi realizada na sala de aula com os alunos da referida turma, através de uma atividade que continha imagens do parque de diversão da própria cidade para que eles produzissem um texto contando alguns relatos pessoais que aconteceram em um parque de diversão.

O resultado da pesquisa mostrou que 26,09% ainda se encontravam no nível silábico-alfabético e apesar de 73,91% estarem no nível alfabético de um total de vinte e três alunos, suas produções careciam de repertório e coerência textual, poucos souberam se expressar corretamente demonstrando um deficit na apropriação da leitura e da escrita incorporadas as práticas sociais.

Diante do exposto, fica clara a necessidade de trabalhar não apenas os conteúdos mais, sobretudo o pensar consciente sobre situações do cotidiano para depois organizar as ideias na produção de texto de forma objetiva e que traga sentido para vida prática social.

A prática foi iniciada com a disciplina de geografia com o conteúdo de “Migração”, antes de utilizar a lousa sobre o assunto, foi entregue aos alunos uma historinha de quadrinho que enfatizava um diálogo de duas crianças que queriam convencer uma a outra sobre o melhor lugar de se viver: A cidade ou o campo? Em uma roda de conversa foi proposto debates com questionamentos sobre o texto. Dessa forma, foi proporcionado oportunidades para os alunos explicitarem com argumentações suas opiniões sobre o assunto, bem como, seus conhecimentos prévios, afinal para elaboração do trabalho deve-se levar em consideração os saberes dos alunos. Como afirma Kimura (2010, p. 55) “Quando se enfatiza o que chamamos de fazer-pensar do homem no seu ser-estar no mundo, vemos como esse é primordial. Isso porque o ser-estar vai constituir e integrar a pessoa no seu perceber, sentir e pensar esse mesmo mundo”.

Em outro momento foi solicitado a utilização do livro didático, sendo hoje uma das principais ferramentas para o desenvolvimento

integral do aluno, integral não no sentido de tempo de permanência na escola, mas, na ampliação de situações educativas no que diz respeito aos aspectos: cognitivo, afetivo, físico e social. Tal tarefa consistia na leitura de algumas páginas previamente indicadas sobre regiões mais e menos populosas do Brasil. Os conteúdos foram complementados na lousa com alguns conceitos de palavras relacionadas, porém, com significados diferentes, por exemplo: migrar, imigrar e emigrar. Na ocasião teve-se o cuidado de atribuir sentido ao conhecimento podendo integrá-los ao contexto de vida dos alunos, como veremos mais adiante. De acordo com Franchi (2012, p. 108) “[...] em todo processo de alfabetização, deve-se cuidar para que as formas escritas (quando dadas para reconhecimento dos alunos ou grafadas por eles) apareçam contextualizadas e associadas a uma significação” (grifos do autor).

Para firmar e avaliar se realmente aprenderam o conteúdo, foi solicitado a construção de uma tabela na lousa para preencher com dados dos próprios alunos em relação a migração entre bairros, perguntando a cada um, sua localização de moradia em relação a escola. Uma atividade que demonstrou positivamente a compreensão do assunto estudado, bem como, interpretações matemáticas dos resultados alcançados na tabela.

Ao propor atividade em sala de aula é necessário considerar além do conteúdo, como o mesmo se apresenta fora da escola na vida prática social do aluno, pois atividades que tem essa abordagem é configurada como ação dentro de um contexto.

Assim sendo, foi possível perceber que apesar de ter observado uma turma muito inquieta e heterogênea, com a proposta de interdisciplinaridade no que diz respeito tanto entre as disciplinas quanto nas práticas contextualizadas, as aulas tornam-se mais instigantes e proporcionam uma maior interação com altos índices de aprendizagem.

Conclusões

Certamente, para concretizar uma prática educativa interdisciplinar supõe-se rupturas, limitações e obstáculos que vão desde a falta de experiências democráticas ao autoritarismo impregnado nas práticas educativas. Entretanto, o projeto político pedagógico deve está carregado de intencionalidade genuína da consciência de seus agentes configurando uma conquista na afirmação da singularidade de cada realidade educacional.

As palavras ditas por Severino (2008, p. 43) explicitam toda discussão aferida neste trabalho:

De tudo isso, pode-se concluir que a prática dos educadores é interdisciplinar se se desenvolve no âmbito de um projeto; só se sustenta num

campo de forças, e o que gera o campo de forças de um projeto educacional é a intervenção atuante de uma intencionalidade; a intencionalidade só se sustenta, por sua vez, na articulação das mediações históricas da existência humana.

É a partir das práticas democráticas no ambiente escolar que a escola atingirá o cerne de sua finalidade na busca do melhor controle do processo educativo para um resultado com mais qualidade.

Referências

- ALARCÃO, Isabel. O outro lado da competência comunicativa: a do professor. In: FAZENDA, Ivani C. S (Org). **Didática e Interdisciplinaridade**. 13ª Ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais**. Brasília : MEC/SEF, 1997.
- FAZENDA, Ivani C. S. A aquisição de uma formação interdisciplinar de professores. In: FAZENDA, Ivani C. S (Org). **Didática e Interdisciplinaridade**. 13ª Ed. Campinas: Papyrus, 1998.
- FRANCHI, Eglê. **Pedagogia do Alfabetizar Letrando: da oralidade à escrita**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- KIMURA, Shoko. **Geografia no Ensino Básico: questões e propostas**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Democratização da Escola Pública: A pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 18 ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- PARO, Vitor Henrique. **Educação como exercício do poder: crítica ao senso comum em educação**. 3ª Ed. São Paulo: Cortez, 2014.
- PARO, Vitor Henrique Paro. **Gestão Democrática da Escola Pública**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2016.
- PINTO, Umberto de Andrade. **Pedagogia Escolar: coordenação pedagógica e gestão educacional**. 1ª Ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- ROMÃO, José Eustáquio Romão; PADILHA, Paulo Roberto. Diretores Escolares e Gestão Democrática da Escola. In: GADOTTI, Moacir; ROMÃO, José Eustáquio (Orgs). **Autonomia da Escola: princípios e propostas**. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2012, p. 106-121.
- SACRISTÁN, J. Gimeno. **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. 3ª Ed. Porto Alegre: ArtMed. 2000.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. O conhecimento pedagógico e a interdisciplinaridade: o saber como intencionalização da prática. In: FAZENDA, Ivani C. S (Org). **Didática e Interdisciplinaridade**. 13ª Ed. Campinas: Papyrus, 1998.